

ONDE  
ESTÁ  
DAISY  
MASON?



ONDE  
ESTÁ  
DAISY  
MASON?

UM CASO DO DETETIVE  
ADAM FAWLEY

CARA  
HUNTER

TRADUÇÃO  
Edmundo Barreiros

**TRAMA**

Título original: *Close to Home*

Copyright © Cara Hunter, 2018

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Copyright © Editora Nova Fronteira Participações S.A., 2021 mediante acordo com Johnson & Alcock Ltd.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Trama, selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.

Rua Candelária, 60 — 7.ª andar — Centro — 20091-020

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hunter, Cara

Onde está Daisy Mason? / Cara Hunter ; tradução Edmundo Barreiros. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Trama, 2021.

336 p.

Título original: *Close to Home*

ISBN 978-65-89132-08-0

1. Ficção americana I. Título.

21-54752

CDD-813

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

[www.editoratrama.com.br](http://www.editoratrama.com.br)

   / editoratrama

*Para Simon*



# PRÓLOGO

Está escurecendo, e a garotinha está com frio. Tinha sido um dia muito divertido — as luzes, as fantasias e os fogos de artifício que pareciam uma chuva de estrelas. Foi mágico, como em um conto de fadas, mas agora tudo foi arruinado, tudo deu errado. Ela olha para o céu por entre as folhas das árvores, e os galhos parecem estar se fechando sobre sua cabeça. Mas não é como em *Branca de Neve* nem em *A Bela Adormecida*. Não há príncipe, ninguém virá ao seu resgate em um lindo cavalo branco. Há apenas o céu escuro e monstros nas sombras. Ela ouve barulhos na vegetação rasteira, o farfalhar de pequenos animais e de alguém se aproximando num ritmo constante, passo a passo. Ela esfrega as bochechas, ainda molhadas de lágrimas, e deseja com todas as forças ser como a princesa em *Valente*. Ela não teria medo de estar sozinha na floresta. Mas Daisy tem.

Daisy, na verdade, tem muito medo.

— Daisy? — diz uma voz. — Cadê você?

Mais passos, agora mais próximos, e a voz está irritada.

— Você não pode se esconder de mim. Eu vou te encontrar. Você sabe disso, não sabe, Daisy? *Eu vou te encontrar.*





Vou dizer isso agora, antes de começarmos. Você não vai gostar, mas confie em mim: já fiz isso mais vezes do que gostaria de lembrar. Em um caso como este — envolvendo uma criança —, nove em cada dez vezes o criminoso é alguém próximo. Um familiar, um amigo, um vizinho. Não se esqueça disso. Por mais abalados que aparentem estar, por mais improvável que pareça, eles sabem quem é o culpado. Talvez não conscientemente, e talvez não desde o início. Mas eles sabem.

*Eles sabem.*

\*\*\*

*20 de julho de 2016, 2h05*

*Área residencial de Canal Manor, Oxford*

Dizem que as pessoas tomam a decisão de comprar uma casa trinta segundos após entrarem nela. Bem, posso afirmar que um policial leva menos de dez. Na verdade, já chegou a uma conclusão muito antes de passar pela porta. Nós julgamos as pessoas, não o imóvel. Então quando paramos em frente ao número 5 da Barge Close, uma rua sem saída, tenho uma ideia muito boa do que esperar. É uma casa quase imponente. As pessoas que moram aqui têm dinheiro, mas não tanto quanto gostariam, ou teriam comprado uma casa vitoriana autêntica e não essa reprodução, que fica em uma propriedade novinha em folha do lado errado do canal. Os imóveis têm o mesmo tijolo vermelho, as mesmas janelas abauladas,

mas os jardins são pequenos, e as garagens, enormes — não tanto uma cópia, mas uma imitação descarada.

O policial parado junto à porta da frente me informa que a família já fez a busca obrigatória na casa e no quintal. Você ficaria surpreso com quantas vezes encontramos crianças embaixo de camas ou dentro de guarda-roupas. Elas não estão perdidas, só escondidas. E a maioria dessas histórias também não tem final feliz. Mas não parece ser esse o caso. Pelo menos foi o que o inspetor encarregado me disse uma hora atrás quando me acordou: “Sei que normalmente não ligaríamos para você tão tarde, mas a esta hora da noite, e sendo uma criança tão nova, sinto que há algo errado nessa história. A família estava dando uma festa, então as pessoas começaram a procurar por ela muito antes de nos ligarem. Cheguei à conclusão de que irritar você era a menor das nossas preocupações.” Eu, na verdade, não estou. Irritado, quer dizer. E, para ser sincero, teria feito a mesma coisa.

— Infelizmente, a parte de trás da casa está uma bagunça — diz o policial junto à porta. — Os convidados devem ter ficado andando por lá a noite inteira. Há restos de fogos de artifício por toda parte. Crianças. Não acho que vai ter muita coisa para a perícia lá nos fundos, senhor.

*Ótimo, penso. Absolutamente fantástico.*

Gislingham toca a campainha, e nós ficamos esperando ao lado da porta. Ele parece desconfortável. Não importa quantas vezes tenha que fazer isso, você nunca se acostuma. E, quando se acostuma, está na hora de entregar o distintivo. Dou umas últimas tragadas no cigarro e olho ao redor. Apesar de serem duas da manhã, quase todas as casas estão com as luzes acesas, e há pessoas observando em várias janelas do segundo andar. Dois carros da polícia estão estacionados na grama raquítica com marcas de bicicleta do outro lado da rua, com o pisca-alerta ligado, e alguns policiais cansados tentam manter os curiosos a distância. Há meia dúzia de outros policiais na entrada

das casas, conversando com vizinhos. Então a porta da frente se abre, e eu me viro.

— Sra. Mason?

Ela é maior do que eu esperava. Com papadas já em formação apesar de não poder ter mais de, quanto, trinta e poucos anos? Está vestindo um cardigã por cima de um vestido de festa — uma peça laranja com estampa de oncinha e decote quadrado que não combina com seu cabelo. Ela olha para a rua, então aperta mais o casaco em torno do corpo. Mas a noite está longe de estar fria. Hoje a temperatura passou dos trinta graus.

— Detetive-inspetor Adam Fawley. Sra. Mason, podemos entrar?

— Vocês podem tirar os sapatos? Limpamos o carpete faz pouco tempo.

Eu nunca entendi por que as pessoas compram carpetes de cor creme, especialmente se têm filhos, mas esse não parece ser o momento para discutir. Então nos abaixamos como crianças voltando da escola e que desamarram os cadarços para entrar em casa. Gislingham me lança um olhar: há ganchos ao lado da porta, identificados com os nomes dos membros da família, e seus sapatos estão enfileirados ao lado do capacho. Por tamanho. E cor. Meu Deus.

É estranho o que expor os pés faz com sua mente. Andar de meias faz com que eu me sinta um amator. Não é um bom começo.

A sala de estar tem um portal em arco que dá para uma cozinha com uma bancada destinada às refeições. Há algumas mulheres ali, sussurrando, mexendo na chaleira, a maquiagem de festa sombria sob a luz néon agressiva. A família está sentada na beira de um sofá grande demais. Barry Mason, Sharon e o menino, Leo. O garoto olha fixamente para o chão, Sharon olha fixamente para mim, Barry está confuso. Ele se levantou, e parecia a caricatura de um pai hipster — calças cargo, cabelo um pouco espetado demais e uma camisa floral um tanto extravagante para fora da calça —, mas, apesar de o visual estar adequado aos 35 anos, o cabelo pintado em tom escuro

me faz desconfiar de que ele tenha uns dez anos a mais que a esposa. E é ela, evidentemente, quem compra as calças nesta casa.

Você vê todo tipo de emoção quando uma criança desaparece. Raiva, pânico, negação, culpa. Eu vi todas elas, sozinhas ou misturadas. Mas há uma expressão no rosto de Barry Mason que eu nunca vi antes. Uma expressão que não consigo definir. Em relação a Sharon, seus punhos estão cerrados com tanta força que os nós dos dedos estão brancos.

Eu me sento; Gislingham, não. Acho que está preocupado que a mobília não aguento seu peso. Ele afrouxa o colarinho, torcendo para que ninguém perceba.

— Sra. Mason, sr. Mason — começo. — Sei que estão passando por um momento difícil, mas é vital reunir o máximo de informação possível. Tenho certeza de que vocês já sabem disso, mas as primeiras horas são cruciais. Quanto mais soubermos, maior é a probabilidade de trazermos Daisy para casa sã e salva.

Sharon Mason puxa um fio solto em seu cardigã.

— Não sei bem o que mais podemos contar ao senhor. Nós já falamos com aquele outro policial...

— Eu sei, mas seria bom contarem tudo outra vez para mim. Vocês disseram que Daisy foi à escola hoje como sempre e, depois, ficou em casa até o início da festa. Ela não saiu para brincar?

— Não. Ela ficou no quarto, no andar de cima.

— E a festa? Vocês podem me contar quem veio?

Sharon olha para o marido, depois para mim.

— Pessoas próximas. Colegas de turma das crianças. Seus pais. Os amigos dos filhos, então. Não dela. Nem deles.

— Eram quantos convidados? Umas quarenta pessoas, talvez? Ela franze a testa.

— Não tantas. Eu tenho uma lista.

— Seria de grande ajuda se a senhora pudesse entregá-la ao detetive Gislingham.

Gislingham ergue brevemente os olhos de seu caderno.

## 12 . ONDE ESTÁ DAISY MASON?

— E quando exatamente vocês viram Daisy pela última vez?

Barry Mason ainda não disse uma palavra. Nem tenho certeza se ele me ouviu. Eu me viro em sua direção. Ele está com um cachorro de pelúcia nas mãos e não para de torcê-lo. É aflição, eu sei, mas parece, de um jeito enervante, que ele está torcendo seu pescoço.

— Sr. Mason?

Ele pisca.

— Não sei — diz ele, de forma embotada. — Por volta das onze, talvez? Estava tudo um pouco confuso. Movimentado. O senhor sabe, muita gente.

— Mas era meia-noite quando perceberam que ela tinha desaparecido.

— Decidimos que estava hora de as crianças irem para a cama. As pessoas estavam começando a ir embora. Mas não conseguimos encontrar Daisy. Nós procuramos em toda parte. Telefonamos para todo mundo em que conseguimos pensar. Minha garotinha... Minha garotinha linda...

Ele começa a chorar. Ainda acho difícil lidar com isso, mesmo agora. Com homens chorando.

Eu me volto para Sharon.

— Sra. Mason? E a senhora? Quando viu sua filha pela última vez? Foi antes ou depois dos fogos de artifício?

Sharon estremece.

— Antes, eu acho.

— E quando começaram os fogos de artifício?

— Às dez. Assim que escureceu. Nós não queríamos que eles fossem até muito tarde. Não queríamos causar problemas, nem ser advertidos pelo conselho do bairro.

— Então a senhora viu Daisy pela última vez antes disso. Foi no quintal ou em casa?

Ela hesita, franzindo a testa.

— No quintal. Ela ficou correndo de um lado para outro a noite inteira. Estava se sentindo a rainha da festa.

Eu me pergunto, por um instante, quanto tempo faz desde que ouvi alguém usar essa expressão.

— Então Daisy estava de bom humor, sem nenhuma preocupação, até onde a senhora sabe?

— Isso mesmo. Ela estava se divertindo muito. Rindo. Dançando. O que as meninas fazem.

Eu olho para o irmão de Daisy, interessado em sua reação. Mas não identifico nada. Ele está sentado, incrivelmente imóvel. Pensativo.

— Quando você viu Daisy pela última vez, Leo?

Ele dá de ombros. Diz que não sabe.

— Eu estava vendo os fogos de artifício.

Eu abro um sorriso.

— Você gosta de fogos de artifício?

Leo assente sem me encarar.

— Sabe de uma coisa? Eu também.

Ele ergue os olhos, e há um breve momento de conexão, mas então Leo torna a baixar a cabeça e começa a deslizar um pé pelo chão, fazendo círculos no carpete felpudo. Sharon lhe dá um tapinha na perna. Ele para.

Eu me volto outra vez para Barry.

— E, pelo que entendi, o portão lateral do quintal ficou aberto.

Barry Mason se recosta no sofá, parecendo na defensiva. Ele funga alto e esfrega o nariz.

— Bom, não dá para ficar abrindo a porta de cinco em cinco minutos, não é? Era mais fácil que as pessoas entrassem por ali. Menos bagunça na casa.

Ele olha rapidamente para a esposa.

Eu assinto.

— É claro. Notei que o quintal dá para o canal. Vocês têm algum portão que dê acesso à margem?

Barry Mason balança a cabeça.

— Sem chance, o conselho não permite. Ele não pode ter entrado por ali.

— Ele?

Barry desvia o olhar.

— Quem quer que tenha sido. O canalha que a levou. O canalha que levou minha Daisy.

Eu escrevo “minha” em meu bloco de notas e ponho um ponto de interrogação ao lado.

— Mas o senhor, na verdade, não *viu* um homem...

Ele respira fundo e começa a soluçar, as lágrimas voltando a escorrer.

— Não. Eu não vi ninguém.

Eu remexo em meus papéis.

— Eu tenho a foto de Daisy que vocês deram ao sargento Davis. Podem descrever o que ela estava vestindo na festa?

Há uma pausa.

— Era uma festa à fantasia — diz Sharon, por fim. — Para as crianças. Nós achamos que seria legal. Daisy estava vestida de margarida, por causa do seu nome.

— Desculpe, não entendi...

— Daisy significa margarida. Ela gostava de se vestir de margarida. Sinto a reação de Gislingham, mas não me permito olhar para ele.

— Entendo. Então isso era...

— Uma saia verde, legging e sapatos verdes. E uma tiara com pétalas brancas e um miolo amarelo. Nós conseguimos naquela loja na Fontover Street. Custou uma fortuna, mesmo só para alugar. E nós tivemos que deixar um depósito como garantia.

Sua voz vacila. Ela arqueja, então cerra o punho e o pressiona sobre a boca, os ombros tremendo. Barry Mason passa o braço em torno da esposa. Sharon está gemendo, balançando o corpo, dizendo a ele que não é culpa dela, que ela não sabia, e ele começa a acariciar seu cabelo.

Há mais um momento de silêncio, então, de repente, Leo chega para a frente e desce do sofá. Suas roupas parecem um pouco grandes demais para ele; mal dá para ver suas mãos para fora das man-

gas. Ele se aproxima de mim e me mostra seu celular. Na tela há a imagem congelada de um vídeo. É de Daisy com sua saia verde. Ela é uma menina bonita, sem dúvida alguma. Aperto o play e assisto por cerca de quinze segundos enquanto Daisy dança para a câmera. Ela está transbordando confiança e exuberância — isso irradia dela mesmo em uma tela tão pequena. Quando o vídeo termina, checo a data: tem apenas três dias. Nosso primeiro golpe de sorte. Nós nem sempre conseguimos algo tão recente.

— Obrigado, Leo. — Olho para Sharon Mason, que agora está assoando o nariz. — Sra. Mason, se eu lhe der o número do meu celular, a senhora pode me enviar esse vídeo?

Ela acena de forma impotente com a mão.

— Ah, eu sou uma negação com essas coisas. É melhor Leo fazer isso.

Eu olho para ele, que assente. Sua franja está um pouco comprida demais, mas ele não parece se importar. Seus olhos são escuros... Como seu cabelo.

— Obrigado, Leo. Você parece ser bom com celulares para alguém da sua idade. Quantos anos você tem?

Ele enrubesce um pouco.

— Dez.

Eu me volto para Barry Mason.

— Daisy tinha um computador só para ela?

— De jeito nenhum. Ouço muitas histórias horríveis sobre crianças na internet. Às vezes, deixo ela usar o meu, desde que eu esteja com ela.

— Então ela não tem e-mail?

— Não.

— E celular?

Desta vez, é Sharon quem responde:

— Nós achamos que ela era nova demais. Eu disse que ela poderia ganhar um de Natal. Até lá, ela já vai ter nove anos.



É uma chance a menos de rastreá-la. Mas não digo isso.

— Você viu alguém com Daisy ontem à noite, Leo?

Ele abre a boca como quem vai começar a falar, então balança a cabeça.

— Ou antes disso? Notou alguém rondando? Alguém que você viu indo ou voltando da escola?

— Eu levo os dois para a escola de carro — retruca Sharon, como se isso encerrasse a questão.

Então a campainha toca. Gislingham fecha o caderno.

— Devem ser os forenses. Ou seja lá como devemos chamá-los. Sharon olha para o marido, atônita.

— Ele está se referindo aos peritos criminais — diz Barry.

Ela se volta para mim.

— Por que eles estão aqui? Nós não fizemos nada de errado.

— Sei disso, sra. Mason. Por favor, não fique assustada. É o procedimento-padrão em um... quando uma criança desaparece.

Gislingham abre a porta da frente e deixa a equipe entrar. Eu reconheço Alan Challow imediatamente. Ele começou a atuar como policial alguns meses depois de mim. Mas não envelheceu muito bem. Peitoral pouco robusto, cintura robusta demais. Mas ele é bom. É bom.

Ele me cumprimenta com um aceno de cabeça. Nós não precisamos de gentilezas.

— Holroyd está pegando o kit no carro.

Seu traje especial estala. Vai ficar um inferno ali dentro quando o sol nascer.

— Vamos começar pelo andar de cima — diz Challow, calçando as luvas. — Depois vamos lá para fora assim que houver luz suficiente. Vejo que a imprensa ainda não chegou. Graças a Deus.

Sharon Mason ficou de pé, sem muita firmeza.

— Não quero vocês remexendo no quarto dela... tocando suas coisas... nos tratando como criminosos...

— Não é uma perícia criminal completa, sra. Mason. Nós não vamos fazer nenhuma bagunça. Na verdade, nem precisamos entrar no quarto dela. Só precisamos da escova de dentes.

Porque é a melhor fonte de DNA. Porque podemos precisar disso para identificar o corpo. Mas, novamente, eu não digo isso.

— Vamos fazer uma busca mais detalhada no quintal, porque o sequestrador pode ter deixado alguma evidência que nos ajude a identificá-lo. Temos sua permissão para fazer isso?

Barry Mason assente, então toca o cotovelo da esposa.

— É melhor deixarmos os policiais fazerem o trabalho deles, não é?

— E vamos providenciar quanto antes um policial para acompanhar a família.

Sharon me encara.

— O que quer dizer com “acompanhar”?

— Eles virão aqui para se assegurar de que vocês sejam mantidos informados e ficarão à disposição caso precisem de alguma coisa.

Sharon franze a testa.

— Como assim “aqui”? Aqui em *casa*?

— Isso, se não for um problema para vocês. Eles são treinados, não há nada com que se preocupar, não vão ser nada invasivos...

Mas ela já está balançando a cabeça.

— Não. Não quero ninguém aqui. Não quero gente da polícia nos espionando. Está claro?

Eu olho para Gislingham, que dá de ombros.

Respiro fundo.

— Claro, a senhora tem razão. Vamos designar um membro da nossa equipe para ser seu contato, e se vocês mudarem de ideia...

— Não — diz ela rapidamente. — Não vamos mudar.

\*\*\*